

A psicogênese da pessoa completa de Henri Wallon: Desenvolvimento da comunicação humana nos seus primórdios.

Adrienne Ogêda Guedes¹

Resumo: Este artigo apresenta um panorama geral dos estudos do psicólogo Henri Wallon, focalizando em especial o desenvolvimento humano nos primeiros anos de vida. Considerando as perspectivas práticas para os que trabalham com a criança de 0 a 6 anos, a teoria walloniana fornece um significativo suporte teórico, compreendendo a dimensão social e afetiva do desenvolvimento.

Palavras chaves: Desenvolvimento humano, teoria de Henri Wallon, Primeiros anos de vida.

Abstract: This article presents a general panorama of the studies of the psychologist Henri Wallon, focusing in special the human development in the first years of life. Considering the practical perspectives for that who work with the child of zero to six years of age, the wallonian's theoretical support allows an understanding of the social and affective dimension of the development.

Key words: Human development, Henri Wallon's theory, The first years of life

Este texto tem como principal objetivo oferecer um panorama geral dos estudos psicogenéticos de Henri Wallon, enfatizando de modo especial elementos de sua teoria que nos permitem refletir sobre alguns aspectos do desenvolvimento da comunicação humana nos primeiros anos de vida. Em coerência com a teoria de Henri Wallon, inicio situando o leitor a respeito de elementos de sua trajetória – incluindo aí contexto histórico e social, sua formação e experiências profissionais - que permitem compreender o destaque que alguns conceitos ganham em sua obra, tal como o da influência do meio social no desenvolvimento humano.

Sua teoria, abrangente e dinâmica, serve a muitas leituras por parte de quem procurar nela subsídios para a reflexão pedagógica. Abordando temas como a emoção, a motricidade, a formação da personalidade, linguagem, pensamento, dentre outros, fornece material precioso para refletir as relações entre desenvolvimento infantil e práticas educacionais.

Para aqueles que atuam na educação, conhecer como o movimento do desenvolvimento infantil se dá é fundamental para que seja possível contribuir como mediador e facilitador desse processo. Nesse sentido, o pensamento de Henri Wallon constitui-se num valioso referencial teórico que pode subsidiar as experiências com crianças.

1- Wallon: trajetória de um humanista.

¹ Psicóloga, Especialista em Educação Infantil (PUC-RJ), Doutoranda em Educação (UFF), Professora (PUC-RJ) e consultora (MEC, Casa Monte Alegre Educação Infantil). E-mail: adrienne.ogeda@gmail.com

Henri Wallon (1879-1962), filósofo, médico, psicólogo e político francês, dedicou-se a compreender o psiquismo humano, voltando sua atenção a criança, acreditando que conhecendo seu desenvolvimento era possível ter acesso à gênese dos processos psíquicos. Buscou relacionar seus estudos sobre a evolução da criança com a educação. Tal preocupação com as perspectivas práticas da psicologia evidencia-se em sua fala durante a “Lição de abertura no Colégio de França”, em 1937:

“(…) Sem dúvida que as experiências de que a psicologia tem necessidade ultrapassam o laboratório. Esta cadeira de Psicologia da Educação é prova disso. Entre a Psicologia e a Educação, as relações não são de uma ciência normativa e de uma ciência ou de uma arte aplicadas. A psicologia está bastante perto de suas origens para que seja possível reconhecer a íntima dependência em que se encontra uma ciência nos seus começos face a problemas práticos.” (Wallon, 1975, pg.9)

Seu interesse em integrar a atividade científica à ação social permeou sua trajetória, numa atitude de coerência e engajamento.

Wallon viveu em um período de grande instabilidade social. Foi contemporâneo às duas guerras mundiais (1914-18 – 1939-45), ao avanço do fascismo no período entre guerras, às revoluções socialistas e guerras para libertação das colônias na África que afetaram a Europa (particularmente a França, seu país de origem). Envolveu-se em diferentes movimentos de protesto contra os sistemas excludentes e autoritários, engajando-se em partidos de esquerda e tomando a frente em ações coletivas em prol da liberdade e da cidadania. É provável que a vivência de momentos históricos tão turbulentos tenha evidenciado a influência fundamental que o meio social exerce sobre o desenvolvimento da pessoa humana, aspecto que tem destaque em sua teoria.

Após a graduação em Medicina, atuou em instituições psiquiátricas onde dedicou-se ao atendimento de crianças com deficiências neurológicas e distúrbios de comportamento. Serviu como médico no exército francês em 1914, na frente de combate. O contato com as lesões cerebrais sofridas por ex-combatentes e a observação dos efeitos das lesões nas condutas e habilidades desses soldados fez com que revisse postulados neurológicos que havia desenvolvido no atendimento a crianças com deficiência. De 1920 a 1937 foi encarregado de proferir conferências sobre a psicologia da criança na Sorbone (Paris) e outras instituições de ensino superior. Em 1925 fundou um laboratório destinado à pesquisas e atendimento clínico de crianças ditas “normais” que funcionou durante 14 anos ao lado de

uma escola na periferia de Paris. Tal proximidade favoreceu o acesso à criança contextualizada (inserida em seu meio) e estreitou suas questões com a educação.

Em 1925 ele publicou sua tese de doutorado, “A criança turbulenta”, vivendo um período de grande produção durante o qual foram publicados seus livros considerados mais importantes, sendo o último deles “Origens do pensamento na criança” de 1945. De 1937 a 1949 lecionou no Colégio de França ocupando a cadeira de psicologia da educação da criança (com interrupção em 1941-44 em função da ocupação alemã). Em 1948 criou a revista “Enfance”, instrumento de divulgação de pesquisas do campo da psicologia e fonte de informação para educadores. Os temas abordados eram variados, atestando seu interesse pela multiplicidade de campos onde se dá a atividade e o interesse da criança.

Wallon participou ainda de vários movimentos relacionados a educação, participando ativamente do debate educacional da época. Presidiu o comitê responsável pela reformulação do sistema de ensino francês em 1944. A reforma proposta (que não chegou a ser implementada) preconizava a adequação às necessidades de uma sociedade democrática e às possibilidades e características psicológicas do indivíduo, favorecendo o máximo desenvolvimento das aptidões individuais e a formação do cidadão. Preocupou-se também em refletir sobre a organização do tempo e do espaço nos sistemas educacionais (Galvão, 1994). Wallon esteve no Brasil em 1935, sendo ciceroneado por Gilberto Freyre e, nas palavras do sociólogo passaram “o dia todo correndo escolas e o morro da Mangueira” (Galvão, 1995).

Conhecer a vinculação de Wallon as questões mais amplas de seu meio social, seu engajamento no contexto político da época, nos permite compreender a visão ampla que ele lançava sobre a realidade, tal visão é a marca de sua teoria do desenvolvimento humano e de sua atuação como pesquisador, psicólogo e médico.

2- Aspectos gerais de sua teoria: a psicogênese da pessoa completa.

Wallon dedicou-se a pesquisar a psicologia genética, ou seja, a gênese dos processos psíquicos. Para ele a análise genética, partindo do que vem antes na cronologia das transformações por que passa o sujeito, é o procedimento capaz de compreender de modo global a totalidade da vida psíquica (sem fragmentá-la em elementos estanques). A observação é o principal método de pesquisa preconizado pelo autor.

Para Wallon, a existência do homem, ser indissociavelmente biológico e social, se dá entre as exigências do organismo e da sociedade. Nesse sentido, os estudos do psiquismo se situam portanto entre os campos das ciências naturais e sociais.

A formação da inteligência é genética e organicamente social, ou seja, "o ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar" (Dantas, 1992). Essa concepção inclui o ambiente social e os aspectos biológicos em sua relação de reciprocidade e interdependência. Considerando que o sujeito constrói-se nas suas interações com o meio, Wallon propõe o estudo contextualizado das condutas infantis. Isso quer dizer que para compreender a criança e seu comportamento, é necessário levar em conta aspectos de seu contexto social, familiar, cultural. Será a relação entre as possibilidades da criança em cada fase/ estágio² e as condições oferecidas pelo seu meio que **cunharão** o desenvolvimento.

“(...) Pelo contrário, para quem não separa arbitrariamente comportamento e as condições de existência próprias a cada época do desenvolvimento, cada fase constitui, entre as possibilidades da criança e o meio, um sistema de relações que os faz especificarem-se reciprocamente. O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. É composto por tudo aquilo que possibilita os procedimentos de que dispõe a criança para obter a satisfação das suas necessidades. Mas por isso mesmo é o conjunto dos estímulos sobre os quais exerce e se regula a sua atividade. Cada etapa é ao mesmo tempo um momento da evolução mental e um tipo de comportamento.” (Wallon, 1995)

O desenvolvimento humano é visto em conjunto. Wallon propõe um estudo integrado, abrangendo os vários campos da atividade infantil (campos funcionais³) e os vários momentos de sua evolução psíquica (estágios do desenvolvimento), numa perspectiva abrangente e global. Enfoca o desenvolvimento em seus domínios afetivo, cognitivo e motor, sem privilegiar um domínio em detrimento dos demais, preocupando-se em mostrar nas diferentes etapas os vínculos entre cada campo.

É por levar em conta essa dimensão integradora, que não fragmenta os diferentes elementos envolvidos na evolução humana, que consideramos a teoria do desenvolvimento de Wallon como a “psicogênese da pessoa completa”.

² Apesar de considerar que o desenvolvimento não é linear e contínuo, Wallon compreende que este se dá em fases/ estágios orientadas por aspectos orgânicos. Vale ressaltar que tais fases sofrem rupturas, retrocessos e são relativas ao contexto de cada indivíduo.

³ Wallon trabalha com o conceito de campos funcionais nos quais a atividade infantil se distribuiria, são eles a afetividade, a motricidade e a inteligência.

Henri Wallon compreende o desenvolvimento psíquico da criança – base de seus estudos do desenvolvimento humano – como descontínuo e marcado por contradições e conflitos, resultado da maturação orgânica e das condições ambientais. Essa visão se contrapõe a idéia de um desenvolvimento linear e em etapas definidas e seguidas, que compreenderiam períodos marcados, que se sucederiam. Para Wallon, aspectos dos diferentes momentos do desenvolvimento não são propriamente “superados” por outros, mas podem reaparecer em outra fase da vida, ganhando novos sentidos de acordo com as diferentes condições do sujeito.

Seu estudo – como já mencionado - leva em conta o contexto em que vive a criança, considerando as influências do ambiente social, das experiências culturais.

Esse meio em que a criança vive não é estático e homogêneo, ele também transforma-se junto com a criança. A cada idade estabelece-se um tipo próprio de interações entre o sujeito e seu meio. Conforme a disponibilidade da idade a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, extraindo dele os recursos para o seu desenvolvimento. Este, se baseará nas necessidades e competências específicas da criança naquele momento de vida. Esta determinação recíproca entre as condutas das crianças e o seu meio, conferem um caráter de relatividade ao processo de desenvolvimento.

Ainda assim, considerando a influência do ambiente e da cultura no desenvolvimento, este tem uma dinâmica e ritmo próprios, resultantes do que Wallon chama de *princípios funcionais* que agem como leis constantes. Os fatores orgânicos são os responsáveis pela seqüência fixa entre os estágios do desenvolvimento, embora não garantam uma homogeneidade no seu tempo de duração (as circunstâncias sociais interferem nesse aspecto).

As etapas do desenvolvimento têm um ritmo descontínuo, marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas, movimentos que provocam profundas mudanças em cada etapa vivida pela criança. Portanto, a passagem dos estágios de desenvolvimento não se dá de modo linear, por ampliação. Trata-se de fato em um movimento de continua reformulação, marcada por crises que afetam a conduta da criança.

Conflitos se instalam nesse processo e eles são propulsores do desenvolvimento aos quais chama de fatores dinamogênicos (que conferem dinâmica). Tais conflitos podem ser resultado de desencontros entre o comportamento da criança e o ambiente exterior (exógeno – relativo a externo) ou originários de fatores orgânicos, relativos a maturação infantil (endógenos – causa interna).

“(…) O desenvolvimento infantil é um processo pontuado por conflitos. Conflitos de origem exógena, quando resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos adultos e pela cultura. De natureza endógena, quando gerados pelos efeitos da maturação nervosa. Até que se integrem aos centros responsáveis por seu controle, as funções recentes ficam sujeitas a aparecimentos intermitentes e entregues a exercícios de si mesmas, em atividades desajustadas das circunstâncias exteriores. Isso desorganiza, conturba, as formas de conduta que já tinham atingido certa estabilidade na relação com o meio” (Galvão, 1995)

O desenvolvimento da pessoa se dá numa construção progressiva em que se sucedem fases em que ora predominam aspectos afetivos, ora cognitivos. A essa tendência a predomínio de um aspecto sobre o outro Wallon dá o nome de “predominância funcional”. Tal predomínio é orientado pelo princípio de alternância funcional. Cada fase tem suas peculiaridades, delineadas pela predominância de um tipo de atividade. Tais predominâncias estão ligadas aos recursos que a criança dispõe para interagir com o ambiente.

São cinco os estágios propostos por Wallon, cada qual com sua especificidade⁴. O primeiro, “impulsivo-emocional”, que abrange o primeiro ano de vida, cuja ênfase é a emoção (predomínio afetivo); o “sensório-motor e projetivo”, que vai até o terceiro ano, quando o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico (predomínio cognitivo). O do “personalismo”, que cobre a faixa dos três aos seis anos, cuja tarefa central é o desenvolvimento da personalidade, a construção da consciência de si (predomínio afetivo). Aos seis anos inicia-se o estágio “categorial”, cuja ênfase recai para os avanços dos progressos intelectuais, dirigindo o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior (predomínio cognitivo). Por fim, o estágio da adolescência quando a crise pubertária impõe a necessidade de novos contornos da personalidade em função das mudanças corporais, trazendo a tona questões pessoais, morais, existenciais, retomando a predominância da afetividade.

Cada um desses estágios traz novas conquistas realizadas pela etapa anterior, construindo-se reciprocamente num processo de integração e diferenciação. O fato de haver o predomínio do aspecto afetivo em determinada fase, como por exemplo na impulsiva-emocional, não quer dizer que aspectos afetivos não estarão presentes na próxima etapa (ainda que não sejam os predominantes).

⁴ Neste texto não aprofundaremos a definição de cada estágio mais detalhadamente. Para conhecer mais sobre o assunto sugiro a leitura dos textos indicados na bibliografia consultada.

Enfim, ao longo do desenvolvimento ocorrem sucessivas diferenciações entre os campos funcionais entre os quais se distribui a atividade infantil e interior de cada um. Este conceito da diferenciação é chave na psico-genética de Henri Wallon e orientará o processo de formação da personalidade de forma mais ampla.

3- A comunicação com o outro: elo vital.

Trataremos agora de um aspecto específico da teoria Walloniana: a comunicação humana em seus primórdios. Wallon (1975) indica que desde o início da vida, na formação uterina do ser humano, há uma dualidade da criança e das suas condições de existência. Essa dualidade está ligada ao fato de a criança ser, ao mesmo tempo e progressivamente capaz de reagir por conta própria em diferentes situações e à estímulos igualmente diversos e, ao mesmo tempo, depender vitalmente de sua mãe.

Para ele, o desenvolvimento do ser humano está ligado às suas possibilidades e necessidades de existência. No início da vida, ainda no ventre materno, há uma relação simbiótica entre a criança e mãe, uma associação vital. A criança recebe tudo da mãe e, ao mesmo tempo, vai tornando-se um pequeno ser, organizando todo o seu equipamento biológico. Recebe da mãe a alimentação, o sangue que lhe traz oxigênio necessário para o desenvolvimento de seus tecidos, os hormônios necessários a sua evolução somática e tudo o mais.

Ainda na vida intra-uterina, mesmo ainda tão pequeno e dependente do outro para a sua própria autoconstrução, o feto já regula o crescimento excessivo de seus órgãos graças a suas glândulas endócrinas, tem um sistema nervoso capaz de reagir segundo o nível das estruturas já realizadas (como por exemplo, reflexos de postura provocados por impressões que fizeram seu caminho por meio do sistema nervoso da criança). Quem já vivenciou uma gestação provavelmente pode perceber reações de seu bebê à alguma situação inesperada, como um susto ou algo do tipo.

Com o nascimento, uma primeira cisão mãe-bebê é experimentada. A criança tem agora que desenvolver autonomia respiratória. Todas as suas outras necessidades dependem estreitamente da mãe ou de quem se ocupa dos cuidados com a criança. Mudar de posição, saciar sua fome, sua sede, manter-se limpa, ser acolhida, acalmada, dentre outras necessidades só podem ser realizadas pela iniciativa de um outro. Os movimentos e gritos do recém-

nascido, inicialmente desordenados, parecem ainda não ter uma utilidade que resulte em bem estar.

O estado inicial da consciência pode ser comparado a uma nebulosa (Galvão, 1995), uma massa difusa na qual o bebê se confunde com a sua própria realidade exterior. O recém-nascido não se percebe como indivíduo diferenciado. Mistura-se a sensibilidade do ambiente. A diferenciação entre o eu e o outro só se dará progressivamente, a partir das interações sociais. O bebê encontra-se num estado de dispersão e indiferenciação, percebendo-se fundida ao outro e aderida às situações e circunstâncias do meio.

Durante esse primeiro período da vida (até aproximadamente os três meses) a criança orienta todos os seus atos úteis em direção às pessoas (no caso mais geral, a mãe), gestos de expressão que visam a satisfação das necessidades que necessita ter supridas. Faz parte então da evolução humana a perspectiva da ajuda mútua para a subsistência.

É fundamental ressaltar o papel da emoção na teoria de Wallon e mais especificamente no entendimento do desenvolvimento da comunicabilidade do bebê. Para ele, a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico. É importante diferenciar emoção de afetividade. A emoção é uma manifestação da vida afetiva (assim como os desejos e sentimentos), porém afetividade é um conceito mais abrangente. As emoções são sempre acompanhadas de alterações orgânicas (aceleração dos batimentos cardíacos, da respiração, dificuldades na digestão, etc). Provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma como os gestos são executados. Wallon defende que as emoções são reações organizadas e que se exercem reguladas pelo sistema nervoso central, situado na região sub-cortical.

No bebê os estados afetivos são vividos como sensações corporais, expressos pelas emoções. Só com a aquisição da linguagem diversificam-se as possibilidades de expressar as emoções, bem como os motivos que as originam.

No primeiro ano a emoção é o comportamento predominante, posteriormente, as reações emotivas tão frequentes no comportamento infantil, são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores. As emoções promovem uma ação no meio humano. Tomemos novamente o exemplo do bebê recém-nascido que depende da ajuda de parceiros mais experientes para sobreviver. Tendo em vista que sozinho ele não tem perícia para realizar quase nada – desde virar-se de uma posição incomoda até alimentar-se – ele necessita afetar o outro para ter suas necessidades atendidas. Nesse sentido, sua primeira atividade eficaz é desencadear no outro reações de ajuda para a satisfação de suas necessidades. Gritos, choros, gesticulações são as primeiras expressões do bebê que, a princípio não são intencionais, e

contagiam os adultos constituindo uma comunicação que vai se intensificando progressivamente.

Tal comunicação é baseada em componentes corporais e expressivos. As pessoas próximas do bebê acolhem e interpretam suas reações, agindo de acordo com o sentido que atribuem a elas. A reação do adulto às expressões do bebê vão modelando um mútuo entendimento, consolidando alguns “códigos” de comunicação próprios daquele relacionamento. O adulto sorri conversando com o bebê, percebe diferenças no choro do mesmo que podem significar necessidades igualmente diferentes, e daí por diante. Pouco a pouco os atos do bebê diversificam-se vão tornando-se cada vez mais intencionais. O movimento deixa de ser somente espasmo ou descarga impulsiva e passa a ser expressão, afetividade exteriorizada.

Após os três meses a criança já sabe dirigir-se às pessoas à sua volta, não só através de gritos em relação aos cuidados materiais de que necessita, mas com sorrisos e sinais de contentamento, movimentos que expressam os laços afetivos entre ela e aqueles que lhe correspondem. Trata-se de uma simbiose afetiva, “a criança vive quase tanto das suas relações humanas como da sua alimentação material.” (Wallon, 1995, pg. 206).

“(…) Há uma ligação indissolúvel, a partir de uma certa idade, entre o desenvolvimento psíquico do indivíduo e o seu desenvolvimento biológico” (idem,pg.207). Não existe preponderância do desenvolvimento psíquico sobre o desenvolvimento biológico, mas ação recíproca. Há portanto uma incessante ação recíproca do ser vivo e de seu meio. “Essa ação varia com as possibilidades orgânicas do ser vivo e é a maturação de seu organismo que permite à criança manter com o ambiente relações recíprocas que estão na base de sua existência.” (pg.208) Esse ambiente constitui para a criança um ambiente social. A representação das coisas pela criança é inicialmente global, ela relaciona as pessoas ao papel que desempenham em seu ambiente e a como entram em sua existência. É assim que algumas crianças bem pequenas por vezes chamam outros adultos muito próximos, que também se responsabilizam por seu cuidado de “mamãe” ou “papai”.

Por volta dos três anos a criança passa por um período muito importante do desenvolvimento de sua personalidade, torna-se mais sensível ao que Wallon chama de “constelação familiar”. Ela começa a compreender de certo modo a posição que ocupa em sua família, enquadrando-se num conjunto que delimita sua personalidade. Esse movimento de tomada de consciência de sua estrutura familiar ocorre com um simultâneo ganho de autonomia, pois ela começa a formular a pergunta do seu eu em relação ao eu dos outros,

tornando-se sensível as relações diversas que podem existir no interior da família de que ela é um elemento fixo.

Considero apropriado transpormos essa observação de Wallon com relação ao papel do outro na tomada de consciência da criança de seu próprio eu, para a experiência das crianças nos espaços de Educação Infantil. Para a realidade que muitas crianças vivem hoje, os ambientes das creches são espaços que parecem também cumprir esse papel e provavelmente traz outras perspectivas para a desenvolvimento da sociabilidade que Wallon, dado os limites da realidade histórica em que viveu (século XIX- XX) quando certamente as instituições destinadas ao atendimento às crianças diferiam muito das que temos hoje (bem como as práticas e estudos sobre a função desses espaços).

Refletir sobre a proposição de Wallon que compreende a reciprocidade entre o meio e o biológico, nos instiga a pensar sobre a importância do papel dos espaços destinados às crianças e das possibilidades que as relações entre crianças-crianças, crianças-adultos e experiências coletivas possuem no sentido de contribuir para a desenvolvimento da criança. Está é uma provocação para continuarmos a refletir sobre as questões aqui expostas!

Referências bibliográficas:

DANTAS, Heloysa, LA TAILLE, Yves, OLIVEIRA, Marta Kohl. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

GALVÃO, Izabel. Henri Wallon, uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GALVÃO, Izabel. Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon. Série Idéias n. 20, São Paulo: FDE, 1994. p. 33-39. <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/>

SANTOS, Fernando Tadeu. Henry Wallon, Educação por inteiro. Nova Escola online, Edição nº. 160, Março de 2003.

MAHONEY, Abigail A. e ALMEIDA, Laurinda R. A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2004.

MAHONEY, Abigail A. e ALMEIDA, Laurinda R (orgs.) Henri Wallon – psicologia e educação. São Paulo: Loyola, 2006.

WALLON, Henri. Psicologia da Educação e da Infância. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995.

